

POLÍTICA, FORMAÇÃO E A COLONIZAÇÃO DA SAÚDE DO TRABALHADOR

Fatima Sueli Neto Ribeiro

[Professora Associada da UERJ, segunda vice-presidente da Associação Docente da UERJ (ASDUERJ)]

Eu declaro a minha fé na resistência social, no único caminho democrático que viabilizou o Sistema de Saúde mais democrático e solidário do mundo. Aquele que é universal (acolhe mesmo estrangeiros) reconhece o direito humano e não o direito de quem habita um território. O único Sistema que faz valer os desejos de John Lennon quando evoca *“Imagine que não existam países e as pessoas vivem em paz”*. O Sistema de Saúde que apregoa Integralidade, que reconhece que saúde é muito mais do que sintomas e tratamentos. Que faz valer a música dos Titãs *“A gente não quer só comida a gente quer comida, diversão e arte. A gente não quer só dinheiro a gente quer dinheiro e felicidade”*. Atualizado nos dias de hoje por Cazusa ao perguntar que país é este e constatar *“Nas favelas, no Senado. Sujeira pra todo lado. Ninguém respeita a Constituição. Mas todos acreditam no futuro da nação”*. O mesmo Sistema que evoca equidade, tratando desigualmente os desiguais, situa o problema nas determinações socioeconômicas e empodera a população. Assim, conclama a identificar em Bob Marley *“até que a cor da pele de um homem não tenha maior significado que a cor dos seus olhos.. até que todos os direitos básicos sejam igualmente garantidos para todos/sem privilégios de raça”*. Nada a menos!

Sob os auspícios da Lei 8080, a revolução de um modelo de saúde nacional tornou os “indigentes” cidadãos, propiciou a distribuição gratuita de medicamentos custosos à pacientes numa pandemia de AIDS... Sonhos tornados realidades, tão poderosos e agora tão abandonados como os 580 mil mortos pela omissão de um governante.

Atualmente não se consegue nem citar o artigo 196 da Constituição que diz *“Saúde é direito de todos e dever do Estado”*. Quando o Estado é reduzido às letras inconclusas e limitado à Política de Saúde do Trabalhador/a, eis o melhor argumento para se manter em inércia. Dificuldades na implantação da Política configuram motivos bastantes e suficientes para que o gestor se limite a redigir portarias, orientações, notas técnicas. Ou seja, impede os avanços que a realidade demanda e não clama pelo vigor e a indignação contra as desigualdades de acesso e a omissão da vulnerabilidade durante uma pandemia, para ficar em exemplos atuais e óbvios. Ficar preso às garras da letra e à interpretação de uma Política impede declarar que o modelo está precisando ser atualizado. Desta forma, não há o que ressignificar, pois ainda não foi atribuído ou vivenciado o real significado da “saúde” integral ou da saúde do trabalhador. Existe uma etapa que não pode ser ultrapassada sem ser vivenciada. Tomando fôlego em Tom Jobim *“O morro não tem vez e o que ele fez já foi demais. Mas olhem bem vocês. Quando derem vez ao morro toda a cidade vai cantar”*. Nutria-se a esperança que preconizava *“os atos podem ser diferentes quando exercidos pela classe oprimida no poder”*, eis que vimos apenas a identificação do “oprimido com o opressor”. Eis que os caminhos do processo educativo informativo não conduzem ao caminho da libertação, mas da manutenção das estruturas hierárquicas de poder. O morro não nos fez cantar, só repetiu as mesmas músicas da classe dominante. Que falta nos faz Paulo Freire! Cursos e palanques que não revolucionam, não empoderam, que não geram laços, empatia, nem fornecem munição para otimizar a retórica, posto que são palavras incompreensíveis, vêm se reproduzindo na área de Saúde do Trabalhador e intensificadas com a vigência da RENAST. São os “deuses técnicos” da Saúde do Trabalhador que “ensinam” a identificar os riscos, a notificar, a realizar ações na atenção básica e repetidos pelos “semideuses sindicalistas” que “ensinam” que a sociedade deve se organizar para lutar pelos direitos usurpados. Diretamente do Olimpo ou dos Semideuses e às vezes abrilhantado pela luxuosa companhia do trabalhador. Estão acima dos mortais, do efêmero, são Arianos. Onde mora a tal Política? Qual o time de futebol do tal Cerest?

Quem é a mãe da Renast? São abstrações que podem ou não subsidiar uma ação, mas não são categorias vivas que emocionam, que nos trazem empatia, solidariedade e identificação de classe. Se prestam a subsidiar desde a aula clássica para Saúde Ocupacional até o que poderia ser uma análise crítica na perspectiva do oprimido, se houvesse movimento organizado dos trabalhadores nesta direção. Mas já não há. Talvez estejam escondidos como anuncia Milton Nascimento *“em recônditos lugares, nos ares, onde vivem com seus pares e convivem com fantasmas”*.

Lideranças nacionais de representações de trabalhadores fazem a mesma leitura das “Políticas” que as pós graduações da área conservadora “ocupacional”. Explicam em qual parágrafo está escrito as finalidades, em qual artigo está descrito a integração das vigilâncias. Como se por milagre a linha tomasse vida no sangue dos gestores e dos técnicos, o parágrafo iluminasse de energia os sindicalistas e todos partiriam para uma ação em defesa da Saúde. E Gabriel Pensador ilustra *“Eu tô aqui pra quê? Será que é pra aprender? Ou será que é pra aceitar, me acomodar e obedecer?”*.

Enquanto não houver “consciência de diferença de classe” em cada palavra, enquanto todas as bibliografias não forem promotoras e instrumentalizadoras de movimento revolucionário, a formação será castradora. Manterá os cursistas colonizados pelo saber externo e sem conhecer e valorizar a própria história.

continua



Será a apresentação dos limites e não da potencialidade, será de informação e não de iluminação. Manterão no pedestal sacrossanto as políticas, os Cerest e a Renast e não os submeterão ao desejo social. Acender-se-ão velas e farão promessas em seu nome, quando na verdade devem ser revistas e refeitas ao sabor da história e das necessidades do momento.

A Saúde precisa ser a perspectiva social e não um conjunto de atributos técnicos biomédicos.

O sacrossanto local destas entidades tem que ser desmistificadas em nome de outro modelo de saúde, de direito e de cidadania. Para um novo modelo civilizatório em que o SUS atenda às demandas sociais e não ao saber biomédico/social/tecnológico medicalizante e gerador de regras de modos como se deve viver, comer, exercitar, etc...

Se a formação não for nesta direção, está decretada a falência do movimento social em defesa da Saúde do Trabalhador.

Porque não haverá como invocar o Rappa “*vem pra rua porque a rua é a maior arquibancada do Brasil*”.

A revolução já se mostrou possível com o SUS em 1989. O Controle Social real e solidário se mostrou possível com o CONSEST/RJ em 1991. Agora resta a utopia e a sensação de Pablo Milanês que “*A vida não vale nada se eu ficar sentado.*

Depois de ter visto, vivido e sonhado que em todos os lugares eles me chamam. A vida não vale nada quando outros estão se matando. E eu ainda estou aqui cantando, como se nada tivesse acontecido”. Como Gonzaguinha, eu reitero minha fé “*na rapaziada que segue em frente e segura o rojão. Eu ponho fé é na fé da moçada que não foge da fera e enfrenta o leão*”.

O que torna impossível não evocar que a saída já foi anunciada por Geraldo Vandré “*Os amores na mente. As flores no chão.*

A certeza na frente e a história na mão. Aprendendo e ensinando uma nova lição”.

Finalmente, me refugio em Milton Nascimento “*Na minha cidade tem poetas, poetas que chegam sem tambores nem trombetas e sempre aparecem quando menos aguardados. Não desejam glórias nem medalhas, se contentam com migalhas... Olham para o céu esses poetas. Como se fossem lunetas, lunáticas. Lançadas ao espaço e ao mundo inteiro fossem vendo pra depois voltar pro Rio de Janeiro.*” [Leo Masliah, trad. Carlos Sandroni] ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.